

## MULHERES SEM TERRA (BRASIL) E MULHERES DA SERRA DO CALDEIRÃO (PORTUGAL): LUTAS, SOLIDARIEDADES E DIÁLOGOS POSSÍVEIS<sup>1</sup>

Allene Carvalho Lage<sup>2</sup>

**Resumo** Este artigo é baseado numa intensa e prolongada vivência de dois trabalhos de investigação no terreno, realizados no âmbito de um estudo comparativo Brasil-Portugal sobre lutas por inclusão, do Programa de Doutoramento em Sociologia da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. O primeiro refere-se ao conjunto de acções desenvolvidas pela Associação In Loco na Serra do Caldeirão, Sul de Portugal e o segundo refere-se ao conjunto de acções desenvolvidas pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), no Assentamento Jacaré-Curituba, Sertão de Sergipe, Nordeste do Brasil.

As mulheres camponesas sempre tiveram um importante papel na estrutura económica familiar, apesar do trabalho feminino não ser reconhecido como actividade que produz riqueza, mas como obrigação doméstica que cabe às mulheres do campo. Contudo, quando se olham os números dos postos de trabalho criados por mulheres na Serra do Caldeirão, através de iniciativas da Associação In Loco e a expressiva participação das mulheres nas marchas e nas mobilizações do MST, reivindicando direitos, o cenário que se vê não é mais este.

Dentro deste contexto, este artigo pretende reflectir a partir das experiências destas mulheres – de suas lutas e solidariedades –, sobre os caminhos dos reconhecimentos e das formas de cidadania, aproximando os diálogos possíveis – de encontros ainda impossíveis – na tentativa de dar voz e visibilidade a estas mulheres e aprender com suas histórias que romperam a subalternidade e transformaram as sociedades onde vivem em sociedades mais democráticas. O eixo analítico e comparativo deste trabalho está ancorado no quadro teórico da sociologia das ausências de Boaventura de Sousa Santos, que procura mostrar que aquilo que aparentemente não existe, constitui-se em alternativas possíveis e disponíveis. Assim pretende-se mostrar as possibilidades reais de reconhecimento e inclusão social das mulheres nas sociedades camponesas onde a opressão masculina ainda é vista numa perspectiva virtuosa.

**Palavras-chave** mulheres, lutas femininas, solidariedades, democracias.

1 Este artigo foi apresentado no VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, realizado em Coimbra nos dias 16 a 18 de Setembro de 2004.

2 Agradeço à colega Waldecíria Souza da Costa, doutoranda em Ciências da Educação na Universidade do Porto, pela revisão deste artigo.

## Introdução

Muitos estudos vêm sendo realizados sobre a construção social da diferença entre o feminino e masculino e as consequências desta diferenciação na vida quotidiana de mulheres e homens. Por outro lado, os movimentos feministas trouxeram e têm trazido à tona inúmeras discussões e denúncias sobre as diversas formas de subalternização a que são submetidas as mulheres. Romper com as estruturas consolidadas de pensamentos e práticas sociais presentes desde o espaço doméstico até os espaços públicos – estes últimos tidos como democráticos –, requer demorados processos de luta, de formação de novos sujeitos – homens e mulheres – e de novos valores sociais que levam tempo para transformar. Para além de ser cultural, este olhar segregador, presente nas práticas sociais dos espaços domésticos, ao serem transpostas para o espaço do mercado, levam consigo a precarização e falta de reconhecimento nas relações no trabalho, transportando assim a mesma desqualificação sobre o trabalho da mulher na divisão das tarefas, dando coerência à subordinação de seu trabalho, tanto no âmbito doméstico quanto no âmbito do mercado.

Outro aspecto a ressaltar, é que o trabalho das mulheres no espaço doméstico carrega ainda um manto de invisibilidade que contribui em muito para a desvalorização deste trabalho, principalmente porque, neste espaço, suas actividades estão voltadas para o serviço da família, não sendo, portanto, considerado como um espaço de produção. No caso das mulheres camponesas, parece certo afirmar que para além destes aspectos, há ainda uma série de factores específicos do campo – dentre eles, e mais especificamente no caso de Portugal, têm-se o isolamento em que vivem muitas famílias, a dificuldade de locomoção, o difícil acesso a processos educacionais e formativos. Desta forma, a organização destas mulheres para lutar contra as formas de opressão, ou terem consciência delas, torna-se mais difícil do que para as mulheres que vivem nas cidades, pois estas últimas dispõem de mais recursos sociais para tal intento. De facto, a ausência de recursos sociais para a promoção de processos de reflexão e de organização social das mulheres, de modo a quebrar os isolamentos e as distâncias físicas que as separam, para que possam dialogar e perceberem que os seus problemas são comuns, têm sido um dos maiores entraves para a luta por cidadania das mulheres do campo. Contudo, estes factores por si só não são os únicos responsáveis pelo êxito das lutas por cidadania destas mulheres, pois se assim fosse, estaríamos a admitir que a luta só seria possível se fosse impulsionada por recursos externos... Ao contrário, a luta nasce no seio dos/as excluídos/as, sendo muitas vezes apropriadas por actores sociais externos.

Boaventura de Sousa Santos (1999) ao tratar do tema os «*novos movimentos sociais*» afirma que estes trouxeram novos factores de análise na relação regulação- emancipação e na relação subjectividade-cidadania. Na relação subjectividade-cidadania, defende a ideia de que os movimentos sociais representam a afirmação da subjectividade perante a cidadania. Acrescenta ainda que a emancipação por que lutam não é política mas, antes, pessoal, social e cultural e que os protago-

nistas dessas lutas não são as classes sociais, são grupos sociais, ora maiores, ora menores que classes, com contornos mais ou menos definidos em vista de interesses colectivos, por vezes muito localizados, mas potencialmente universalizáveis.

Assim, neste trabalho trataremos as lutas das mulheres – da Serra do Caldeirão e do Assentamento Jacaré-Curitiba – como lutas por cidadania, tendo por perspectiva a subjectividade de suas protagonistas e dos elementos que constituem as redes de solidariedades e de lutas, o acesso à cidadania e às formas de resistência para a conquista da terra, do trabalho remunerado e da dignidade.

### 1. Lutas e solidariedades das mulheres da Serra do Caldeirão e das mulheres do Assentamento Jacaré-Curitiba

É um grande desafio tentar descrever e analisar as diversas formas de luta e solidariedades destes dois grupos de mulheres sem incorrer no risco de ser demasiadamente optimista, em considerar os avanços alcançados como grandes passos e, nem pessimista o suficiente, para enxergar estes avanços como muito vulneráveis e não perceber o quão emancipatório tem sido o caminho percorrido por estas mulheres. Sem pretender ser nem uma coisa e nem outra, tentarei expressar neste breve trabalho que a luta quotidiana por novas formas de dignidade, inclusão e cidadania para estas mulheres camponesas não só ocorre, mas também se consolida, no esforço diário de querer romper com as práticas opressoras tão naturalmente presentes em suas vidas.

#### – As Mulheres da Serra do Caldeirão

A Serra do Caldeirão é uma zona localizada na parte interior da região do Algarve, Sul de Portugal, de média altitude e com fraca densidade populacional. Para a Associação In Loco, a Serra do Caldeirão é uma região com sérios problemas e com todas as características das regiões rurais mais deprimidas, de que é prova o envelhecimento da população, a forte emigração, (principalmente dos homens), a desertificação humana e ecológica, uma actividade económica baseada na agricultura tradicional de subsistência, a ausência de desenvolvimento tecnológico, o isolamento e a falta de informação, o encerramento crescente de equipamentos escolares, as enormes lacunas de serviços e a carência de equipamentos de todo o tipo. ([www.in-loco.pt](http://www.in-loco.pt)).

A Serra do Caldeirão foi também por muitos anos um território de emigrantes. Nesta perspectiva muitas mulheres da Serra viveram sem seus homens por muitos anos e, sozinhas foram o pilar que estruturava a unidade familiar. Cuidavam dos filhos, da casa e da terra e esperavam seus homens... Ao mesmo tempo que eram fortalezas, sentiam-se abandonadas e entristecidas, resignadas talvez, e faziam do trabalho o alento para que os dias passassem mais rapidamente. Entre-

tanto, apesar da grande responsabilidade em gerir toda a estrutura familiar, permanece o espectro da subalternização destas mulheres, principalmente porque essas actividades não representam visivelmente – aos olhos dos seus homens e da sociedade culturalmente masculina – a riqueza produzida diariamente por estas mulheres.

Em 1985, um grupo de professores do Instituto Politécnico de Faro deu início ao projecto da Associação In Loco, inaugurando uma actuação na região em prol do desenvolvimento local. Três anos depois esta Associação é formalmente constituída e desde então vem actuando junto às populações da Serra do Caldeirão desenvolvendo projectos de modo a gerar iniciativas locais que promovam a fixação das pessoas na região e a geração de trabalho com renda. Assim teve início, em 1985, o Projecto RADIAL com objectivo de promover o desenvolvimento local integrado em quatro aldeias da Serra do Caldeirão, e a partir de investimentos em três áreas: cuidados à primeira infância, formação para o auto-emprego e apoio a associações locais, apoiados pela fundação holandesa Bernard van Leer.

Quando se avançou para o terreno começamos com reuniões comunitárias que foram fundamentalmente organizadas em torno de duas necessidades. Uma necessidade que se prendia com o apoio as crianças. (...) Uma outra área de necessidades que entretanto foi detectada, era a do trabalho com as mulheres. Os homens tinham o trabalho na agricultura ou tinham emprego. Quer dizer, trabalhavam na construção civil, trabalhavam também para as autarquias e muitos deles estavam a trabalhar no litoral. As mulheres de facto não tinham empregos. Portanto essa foi uma outra área de grande necessidade, pois elas de alguma forma queriam ter acesso à formação, queriam ter acesso ao emprego.

Então quando organizamos as primeiras reuniões, foram reuniões comunitárias em volta desses dois temas. O que fazer com as crianças e que respostas dar a essas que tinham dificuldades escolares e que estavam tão desapoiadas, quando vinham as sedes das freguesias para frequentar as aulas e o que seria possível fazer com as mulheres que realmente queriam trabalho, queriam emprego e queriam formação (Priscila Soares, diário de campo de Allene Lage: 28/04/2003).

Assim, partindo da identificação das necessidades das mulheres, a Associação In Loco iniciou, em conjunto com elas, acções no sentido de alterar este cenário, criando e oferecendo-lhes oportunidades de inserção no mercado de trabalho, a partir de processos de capacitação e apoios financeiros para os empreendimentos a serem criados e imaginados pelas mulheres da Serra do Caldeirão. Neste sentido as acções envolveram principalmente projectos de capacitação – pessoal e profissional – para mulheres. Nesta direcção, uma das primeiras acções foi uma capacitação para 50 mulheres que visava, para além do desenvolvimento pessoal, capacitá-las para o desempenho de actividades empresariais e preparação de um projecto que culminaria com a criação do próprio emprego. Ocorreram também encontros organizados para promover debates sobre as principais dificuldades das

mulheres, tanto no âmbito da família quanto no âmbito do trabalho. Um dos mais importantes foi o encontro «Mulheres da Serra do Caldeirão» realizado em Alte, Freguesia do Concelho de Loulé, em 1995, que visava promover a reflexão sobre os principais problemas e dificuldades que afectavam a vida destas mulheres.

Durante todo o percurso dos projectos desenvolvidos pela In Loco, as mulheres, ávidas por formação e oportunidades, envolveram-se nos processos formativos, aproveitaram-se da disponibilidade de recursos, capacitaram-se, abriram seus próprios espaços e tomaram em suas próprias mãos a gestão de seus negócios. Segundo Virgínia Ferreira, as mulheres valorizam as suas novas fontes de rendimentos independentes, por mais parcos que estes sejam, e usam-nos para conferir maior densidade aos seus projectos de autonomia e realização pessoal, nem que seja para abandonarem relações conjugais intoleráveis e viverem sozinhas com seus filhos (Ferreira, 2001). Neste sentido, parece certo afirmar que estas mulheres durante os processos formativos, construíram redes de solidariedades e se utilizaram delas para encorajamentos mútuos e enfrentamento das dificuldades no âmbito de uma teia de afectos, que amparava a luta diária de cada uma, para avançarem em seus processos pessoais de emancipação social.

As mulheres estavam muito ligadas as actividades domésticas, a cuidarem dos filhos e do marido, da casa, a fazerem almoço, jantar e muitas vezes quando os maridos trabalhavam no campo as mulheres iam levar as refeições ao campo, na horta ou que andava na ceifa, mas sempre o marido sendo o centro da família, como a pessoa que tem o poder económico, que ganha o dinheiro, sustenta da família, e as mulheres apesar de trabalharem o dia todo se submetiam a coisas que hoje elas não se submetem mais... Nem as mais velhas se submetem mais a serem tratadas com inferioridade. Essas coisas de que só o marido é que pode sair, para o café, para os copos, para jogar cartas e elas ficam em casa para cuidar dos filhos, para elas agora é impensável... Descobriram que também tem poder económico e podem ter uma relação mais igual com seus maridos. (...) No projecto dos caprincultores são as mulheres que estão a frente, que têm carta de condução, que mexem com papéis, que desenrascam-se, que vendem queijo... As mulheres são as mais lutadoras e tentam sempre o máximo possível... (Margarida Correia, diário de campo de Allene Lage: 27/11/2002).

De facto, as mulheres ao aproveitarem as oportunidades oferecidas apropriaram-se dos processos formativos e das oportunidades de recursos para criarem espaços de cidadania nos quais puderam ter uma participação activa. Num cenário onde as pessoas vivem isoladas e sonham conhecer o mundo, conhecer outras pessoas e compartilhar seus quotidianos, os espaços de convívio oferecidos pelas formações transformaram-se em importantes espaços de relações sociais, laços profundos de amizades e solidariedades entre mulheres, que antes dispunham de poucas oportunidades para tal. Assim essas mulheres recriaram novas oportunidades de convívio social e de trocas de experiências e, dialogando, recriaram também novos futuros.

No entanto, se por um lado esta formação, para muitas mulheres, não é uma solução adequada para suas necessidades, por outro contribui para suprir um déficit de formações e de espaços de convivência social para pessoas que vivem isoladas e que sonham frequentar uma sala de aula, conviver com outras, ter amigas, ter acesso, pelo menos temporariamente, a subsídios, que de algum modo possam ajudá-las em outros projectos pessoais. Margarida Correia, animadora local da Associação In Loco conta como um grupo de mulheres da Serra do Caldeirão se afirmou, a partir da formação promovida pelo projecto NOW (*New Opportunity Women*).

Lembro que as senhoras ficavam contando os dias para se encontrarem na formação... Criaram uma ligação tão forte entre elas que vinham de vários sítios diferentes desejosas de se encontrarem... Uma boa parte eram domésticas que viviam naquela vidinha da lida do dia-a-dia e de repente viram uma oportunidade de ver o mundo... de terem amigas... de discutirem assuntos comuns, falarem de seus sonhos e projectos... tinham muitas coisas a partilharem e lembro que elas ficavam numa felicidade imensa cada vez que se juntavam. Depois a formação acabou, cada uma foi fazer suas coisas, mas continuam até hoje a manterem contacto, visitando uma a outra, trocando as experiências, elas se fortaleceram com a amizade que criaram entre si... Uma recomendação o negócio da outra para seus clientes... trabalham em conjunto e se preocupam umas com as outras, ficou uma relação de amizade forte. Depois começaram a fazer convívios, passaram a levar o marido, os filhos, enfim a amizade extrapolou o limite da formação e dos negócios para o ambiente familiar. Depois os maridos começaram a acreditar no potencial das suas mulheres, viram que não era apenas um passa tempo, mas um negócio que dava dinheiro e passaram a entrar no processo de amizade e negócios (Margarida Correia, diário de campo de Allene Lage: 27/11/2002).

Nesta medida, as formações constituíram-se em espaços de articulação e de construção colectiva – dos projectos individuais – onde as mulheres conseguiram subverter a lógica do isolamento ao criarem espaços de diálogo e de encontro e transformaram os espaços de competitividade, necessária à sobrevivência dos negócios individuais, em espaços de solidariedade e de cooperação, fundamental para a sobrevivência de suas iniciativas. As formações também ofereceram os instrumentos necessários para a gestão exitosa de seus negócios e para afirmação dessas mulheres como trabalhadoras geradoras de renda. Conquistaram ainda novos estatutos no ambiente doméstico ao se afirmaram como trabalhadoras remuneradas e donas de seus próprios negócios e projectos.

### – As Mulheres Sem Terra do Assentamento Jacaré-Curitiba

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST tem sua origem no final da década de 1970, num cenário de fim de ditadura militar, abertura política e reto-

mada do processo de democratização do Brasil. Entre as várias acções que vinham sendo realizadas para a construção do MST, uma delas tornou-se o marco do início deste Movimento: a organização da primeira ocupação de terra – a gleba Macali, em Ronda Alta, em 7 de setembro de 1979, realizada por um grupo de agricultores sem terra no estado do Rio Grande do Sul, apoiados pela Comissão Pastoral da Terra. Em Janeiro de 1984, oitenta representantes de organizações camponesas de treze estados brasileiros reuniram-se próximo à cidade paranaense de Cascavel e decidiram criar um movimento nacional que congregasse camponeses para reivindicar o direito à terra, lutando pela reforma agrária.

Na luta pela reforma agrária no Brasil, o MST, nesses vinte anos de existência, tem utilizado a pressão como a forma mais efectiva de luta, por meio de marchas, actos e principalmente ocupações a latifúndios improdutivo. Nos últimos anos, as ocupações das margens das rodovias também têm sido usadas para pressionar o Estado brasileiro, a cumprir a Constituição Federal. Segundo a Constituição Federal de 1988, todas as grandes propriedades que não cumprem sua função social<sup>3</sup> devem ser desapropriadas para fins de reforma agrária. No Nordeste brasileiro, o Sertão foi e continua sendo o espaço político de poder das oligarquias que, desde o período colonial, vem mantendo o sistema de desigualdades sociais e de poderes cabrestos. No Sertão de Sergipe, a luta pela reforma agrária atinge o seu propósito mais legítimo quando busca transformar as estruturas de poder dos latifundiários em possibilidades mais democráticas de poder partilhado com os trabalhadores rurais, desprovidos de qualquer possibilidade de acederem à terra para viverem e trabalharem com dignidade.

É no Sertão Sergipano que está localizado o Assentamento Jacaré-Curitiba, nascido da ocupação da Fazenda Alto Bonito ocorrida no dia 12 de Março de 1996 realizada por mais de dois mil Trabalhadores Rurais Sem Terra. Esta fazenda, em conjunto com outras, fazia parte de um grande projecto de irrigação financiado pelo governo estadual, destinado a 80 empresários. Após a ocupação e conquistada a desapropriação e consequente posse legal da terra, os/as trabalhadores/as rurais iniciaram a luta pela execução do projecto de irrigação para o assentamento. No entanto, até hoje, apesar da execução do projecto ter sido iniciada, ainda não foi concluída – previsto para Dezembro de 2000 – e as obras estão paralisadas. A irrigação tão sonhada pelas 700 famílias assentadas, que viabilizaria uma produção expressiva no assentamento, gerando trabalho com renda, ainda não virou realidade e a seca continua sendo uma constante na vida destes assentados. A memória muito presente dos dias do acampamento para a con-

3 Cap. 3, art. 186 da Constituição Federal do Brasil: A função social é cumprida quando a propriedade rural atende, simultaneamente, segundo critérios e graus de exigência estabelecidos em lei, aos seguintes requisitos: I – aproveitamento racional e adequado; II – utilização adequada dos recursos naturais disponíveis e preservação do meio ambiente; III – observância das disposições que regulam as relações de trabalho; IV – exploração que favoreça o bem-estar dos proprietários e dos trabalhadores.

quista da terra, faz com que a grande maioria das famílias resista aos prolongados ciclos de seca, criando e recriando estratégias de convivência e sobrevivência na terra conquistada, mas seca, devido a grandes ausências de chuvas.

Se conquistar a terra é a primeira motivação que leva milhares de excluídos/as do campo a aderirem à luta pela reforma agrária organizada pelo MST, é também a única possibilidade de um futuro com mais dignidade para estas pessoas. Se a terra é o bem mais inacessível, que não cabe nem nos sonhos de milhões de brasileiras e brasileiros, é a possibilidade concreta de lutar por ela – e vencer – que faz com que o acampamento seja o primeiro espaço de cidadania a ser conquistado.

Para nós Sem Terra, a terra não significa somente terra. Significa muito mais... Significa a nossa luta. Vamos deixar para nossos filhos mais que terra, vamos deixar uma história por trás de cada palmo de terra. Vamos deixar terra com história (Assentada Irandi de Jesus, diário de campo de Allene Lage: 29/06/2003).

Assim, o acampamento transforma-se na primeira grande fase da luta pela conquista da terra. Nele juntam-se os projectos colectivos da luta pela terra mas, juntam-se também, todas as dificuldades em viver sem nenhuma condição de infraestrutura, debaixo de barracos de lona. Nesse esforço de resistência, constróem também um espaço de aprendizagem, de luta colectiva, onde excluídos/as vão se transformando em novos sujeitos da história. Mas se mudarmos a escala do olhar sobre a luta dos Sem Terra para a conquista do Assentamento Jacaré-Curituba, poderemos verificar que uma maior aproximação da realidade traz também uma série de novos elementos. Esses elementos que fizeram e fazem parte dos processos de luta, são frequentemente invisibilizados ou suprimidos durante a narrativa da história, principalmente porque esta parte é vivida mais intensamente pelas mulheres e frequentemente escapa do olhar masculino – os tradicionais narradores da história – ou são desvalorizadas.

Foram quase 3 anos de batalha diária, desde o primeiro acto de ocupação até a posse da terra e a construção das casas, onde muitas delas cavaram com as próprias mãos o alicerce de seus lares, agora de tijolo, cimento e telhado. Nesta luta, as mulheres, protagonistas do quotidiano do acampamento, teceram cada dia de luta com fios de coragem, solidariedade, mobilização e resistência de modo a viabilizar o dia-a-dia da luta pela terra.

A gente fechava a pista, nós fazíamos viagem daqui até Aracajú de à pé [aprox. 200 km]; foram feitas duas. Nós fomos até Monte Alegre; a gente fazia marcha para todo canto. (...)

Muitas mulheres, mulheres por grandeza. (...) E alegres. A gente passava o dia todo no sol, em pé fazendo mobilização. O sol pingava, mas as mulheres ficavam firmes, animadas. O pessoal gritava: – Fazer reforma agrária quando? E as mulheres respondiam: – Já. A gente gritou até que um dia chegou. (...) Pepeta era a frenteira, era a

novilha. Ela era a frenteira e as outras acompanhavam. Eu, Pepeta, Dorinha e meio mundo de mulheres. Mulheres por grandeza. Se eu for contar não acabo hoje... Silvia, Angelita, dona Dora, dona Zabé... Ninguém tinha medo de nada, só dos castigos de Deus (Laudice, 53 anos, diário de campo de Allene Lage: 03/10/2003).

Diante da certeza da vitória e de que o acampamento era a única possibilidade de um futuro diferente, as mulheres fincaram suas esperanças com firmeza e valentia, transformando em prática as acções que davam respostas às dificuldades e problemas que surgiam todos os dias no acampamento. Desde os problemas básicos de alimentação, higiene, alguma privacidade, até a questão das escolas, do lixo e das mobilizações. Cada dia era um dia de luta a vencer, e foi essa vitória diária que foi tornando o presente possível, enquanto um novo futuro estava a ser construído.

Durante o acampamento, a vida destas mulheres se cruzaram num esforço colectivo para permanecer na luta pela reforma agrária no Sertão e para vencer a batalha quotidiana de sobrevivência e de resistência. A vivência neste ambiente como primeiro momento da luta e como intenso processo de socialização e politização dos/as Sem Terra, foi também o espaço que se abriu para estas mulheres participarem com uma actuação mais visível. Esta oportunidade, que inicialmente estaria voltada para a gestão quotidiana do acampamento nas questões domésticas, foi logo subvertido num espaço de emancipação pessoal, social e política, construído sobre redes de solidariedades e aprendizagens, visando ampliar seus espaços de cidadania. Para Irandi de Jesus, assentada do Jacaré-Curituba, a sua entrada na luta dos Sem Terra significou fundamentalmente a conquista da própria dignidade.

Então foi através dessa luta, através dessa conquista que eu pude realmente resgatar a dignidade da minha família, a dignidade de poder comer 3 vezes ao dia, de poder ter uma casa... Falar é uma coisa muito difícil para dizer realmente o que é essa conquista, não sei dizer realmente o que é essa conquista, é preciso viver para poder entender completamente o que significa conquistar um pedaço de terra para viver, é como conquistar a dignidade.

Quem poderia imaginar que eu iria possuir um pedaço de terra, que vai ser irrigada e um lote para eu tirar o meu sustento, uma casa, uma casa boa como é a minha, poder ter terminado os meus estudos e estou sonhando no ano que vem ir para a faculdade, isso foi uma conquista muito grande, é difícil de dizer o tamanho dela (Irandi de Jesus, diário de campo de Allene Lage: 09/10/2003).

De facto, nas várias conversas que tive com os Sem Terra deste Assentamento, duas ideias estiveram sempre presentes na fala dos/as assentados/as com os quais contactei. A primeira era a de que, tornar-se Sem Terra – no sentido de um grupo organizado – era a única alternativa e possibilidade de mudarem a vida que levavam e a outra, era que esta possibilidade era a porta para conquistarem alguma dignidade enquanto seres humanos.

Contudo, a luta das mulheres, dentro da luta da reforma agrária, apesar delas estarem a desempenhar um papel importante, protagonizando muitos avanços e reivindicando novos espaços de cidadania e emancipação, participando activamente tanto na gestão quotidiana dos acampamentos e assentamentos, como nas mobilizações e demais actos do MST, ainda têm uma reduzida representatividade nas funções de liderança dentro do espaço da luta pela reforma agrária. No espaço doméstico, a luta das mulheres por formas mais democráticas de distribuição de tarefas e poder também ainda está longe de ser resolvida, pois conta com uma componente cultural muito forte, principalmente no Sertão, onde a hegemonia do poder masculino é muito enraizada. No entanto, convivendo de perto com algumas mulheres do Jacaré-Curituba, identifiquei claramente uma postura muito mais consciente e reivindicatória sobre esta desigualdade de poder, responsabilidades e divisão do trabalho, tanto no espaço privado quanto público, pois era constante as mulheres chamarem a atenção dos homens sobre a diferenciação no tratamento e divisão de responsabilidades.

## 2. Sociologia das ausências: um olhar sobre os caminhos da cidadania das mulheres da Serra do Caldeirão e das mulheres Sem Terra

Com o objectivo de dar maior visibilidade aos elementos emancipatórios presentes nas lutas quotidianas e solidariedades das mulheres da Serra do Caldeirão que participaram dos projectos da Associação da In Loco e das mulheres Sem Terra do Assentamento Jacaré-Curituba busquei na sociologia das ausências de Boaventura de Sousa Santos (Santos, 2002 e 2003) um arcabouço teórico para organizar o trabalho analítico destas experiências.

Nos termos do quadro teórico da sociologia das ausências, há muita experiência social que não é visível ou credível à luz das teorias e concepções políticas e sociológicas dominantes. Por se tratarem de práticas sociais protagonizadas por grupos sociais subalternos e excluídos são descredibilizadas, reforçando, assim, a ideia de que não há alternativas credíveis para o enfrentamento das desigualdades sociais fora dos modos dominantes de pensar o mundo. Neste sentido, pretendeu-se mostrar, a partir das experiências destas mulheres, as várias possibilidades de espaços de cidadania construídos em suas lutas quotidianas por dignidade no campo.

Assim, dentre as experiências propostas pela sociologia das ausências: conhecimentos; trabalho e produção; reconhecimentos; democracia e; comunicação e informação – apontadas como os campos sociais onde a multiplicidade e diversidade mais provavelmente se revelarão, foram escolhidas as seguintes experiências, por reunirem cenários comuns onde as lutas e solidariedades destas mulheres aconteceram. Assim, dentro das três experiências a seguir apresentadas, têm-se os elementos emancipatórios das lutas e solidariedades destas mulheres.

### – *Lutas e solidariedades nas experiências de reconhecimentos*

Por experiências de reconhecimentos entende-se, neste texto, aquelas que contribuem para que grupos sociais ou práticas sociais rompam o estatuto da subalternidade.

*Lutas:* no caso das mulheres da Serra do Caldeirão estes elementos estão presentes conseguem aceder a um estatuto mais qualificado como trabalhadoras geradoras de renda e com formação profissional. No caso das mulheres do Assentamento Jacaré-Curituba, quando alcançam um novo estatuto, ao entrarem na luta pela conquista da terra e assumem a identidade de trabalhadoras rurais sem terra, como um grupo organizado que luta por direitos.

*Solidariedades:* no caso das mulheres do Assentamento Jacaré-Curituba estes elementos surgem no companheirismo da luta, no fortalecimento mútuo para o enfrentamento das dificuldades quotidianas do acampamento. No caso das mulheres da Serra do Caldeirão surge quando criam uma vertente de cooperação e apoios mútuos entre seus negócios, valorizando-os mutuamente.

### – *Lutas e solidariedades nas experiências de trabalho*

Por experiências de trabalho entende-se neste texto, aquelas relacionadas aos modos de organização para o trabalho, para geração de renda e para a produção.

*Lutas:* no caso das mulheres do Assentamento Jacaré-Curituba, os elementos destas experiências estão relacionados com a reivindicação de recursos para a produção agrícola – terra, créditos e demais investimentos – contidos na luta pela reforma agrária. No caso das mulheres da Serra do Caldeirão, os elementos presentes em suas experiências são a apropriação das oportunidades de formação, ao mesmo tempo em que dão corpo aos seus projectos pessoais de geração de trabalho remunerado.

*Solidariedades:* no caso das mulheres da Serra do Caldeirão este elemento está presente nas parcerias e complementariedades de seus negócios, na troca de experiências e no estabelecimento da rede de parcerias. No caso das mulheres do Assentamento Jacaré-Curituba estes elementos traduzem-se nas estratégias da luta colectiva pela terra, nas formas provisórias de produção e nas redes de serviço voluntário que viabilizaram o dia-a-dia do acampamento.

### – *Lutas e solidariedades nas experiências de democracia*

Por experiências de democracia, entende-se neste texto, aquelas que promovem oportunidades de diálogos, de consensos e de autoridades partilhadas, visando

promover uma melhor redistribuição de recursos e a democratização da sociedade local.

*Lutas*: no caso das mulheres da Serra do Caldeirão estes elementos estão presentes na participação activa nos projectos oferecidos pela Associação In Loco, criando novas dinâmicas económicas para a região, a partir de seus negócios e ao organizarem-se para acederem aos recursos e investimentos públicos para o desenvolvimento local. No caso das mulheres do Assentamento Jacaré-Curitiba estes elementos referem-se à intensa participação destas nos actos, mobilizações e assembleias que se realizam na luta pela reforma agrária e no prazer que têm em participar da luta e de sentirem-se protagonistas de suas próprias histórias.

*Solidariedades*: no caso das mulheres do Assentamento Jacaré-Curitiba estes elementos estão presentes na construção colectiva de alternativas, que dão respostas aos problemas do dia-a-dia, desde os relacionados à saúde até a alimentação, do lixo até os actos públicos. No caso das mulheres da Serra do Caldeirão estes elementos surgem quando juntas e organizadas, criam novos espaços de convivência, de trabalho e de expressão cultural.

### 3. Diálogos possíveis e encontros ainda impossíveis

O que teriam a dizer as mulheres da Serra do Caldeirão às mulheres do Assentamento Jacaré-Curitiba? E o que teriam a dizer as mulheres do Assentamento Jacaré-Curitiba às mulheres da Serra do Caldeirão? Que diálogos seriam possíveis? Que solidariedades seriam forjadas nestes encontros ainda impossíveis?

Foi exactamente com estas perguntas que comecei a conceber a ideia deste texto. O que essas mulheres teriam a dizer – umas às outras – sobre suas experiências de lutas e de solidariedades se tivessem a oportunidade de estarem juntas? O que elas teriam a nos dizer? O que nós teríamos a aprender com elas?

Foi buscando responder estas perguntas que tentei aproximar as experiências destes dois grupos de mulheres, com os quais tive uma convivência muito próxima, intensa e prolongada. Busquei identificar, para facilitar um possível diálogo – num encontro ainda impossível – os elementos que contribuíram para a transformação da vida destas mulheres, a partir de seus processos de luta e solidariedades. Tentei construir as bases para dar início a este diálogo.

Assim, este texto foi uma tentativa de expressar as possibilidades reais – e disponíveis – de um mundo mais justo e democrático construído pelas mentes, corações e mãos destas mulheres do campo. E por fim, este texto só foi possível porque estas mulheres partilharam comigo, generosamente, seus sonhos, lutas e solidariedades.

### Referências bibliográficas

- Ferreira, Virgínia (2001), «All Women are working women», Padrões de evolução da segregação sexual do emprego nos anos 90, in Reis, José e Baganha, Maria Ioannis (orgs.), *A economia em curso: contextos e mobilidades*, p. 111-151, Porto, Edições Afrontamento.
- Lage, Allene Carvalho (2003), *Voices e Memórias das «margens» do Atlântico: O quotidiano de uma experiência com a Associação In Loco na Serra do Caldeirão. Diário de campo de Portugal*, (documento interno – 294 páginas), Coimbra, CES/FEUC,
- Lage, Allene Carvalho (2003), *Voices e memórias das «margens» do Atlântico: O quotidiano de uma experiência com o Movimento dos Sem Terras no Sertão de Sergipe. Diário de campo do Brasil*, (documento interno – 448 páginas), Coimbra, CES/FEUC,
- Santos, Boaventura de Sousa (1999), *Pela Mão de Alice: O Social e o Político na Pós-Modernidade*, São Paulo, Cortez.
- Santos, Boaventura de Sousa (2002), «Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências», in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 63, Outubro, p. 237-280, Coimbra, CES.
- Santos, Boaventura de Sousa. «Para uma sociologia das ausências e das emergências», in Santos, Boaventura de Sousa (org). *Conhecimento prudente para uma vida decente*, p. 735-775, Porto, Edições Afrontamento, 2003.

**Allene Carvalho Lage** é Doutoranda em Sociologia na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e Bolseira do Ministério da Educação do Brasil /CAPES-Brasília. Mestre em Administração Pública pela Fundação Getúlio Vargas/Rio de Janeiro e pós-graduada em Gestão pela Qualidade na Fundação Getúlio Vargas/Rio de Janeiro. É Professora da Universidade Santa Úrsula no Rio de Janeiro. Possui artigos publicados na área de desenvolvimento sustentável no Brasil e na Espanha, participação em projectos sociais e de desenvolvimento local com lideranças comunitárias no Estado do Rio de Janeiro. Actualmente é Presidente da APEB-Coimbra – Associação de Pesquisadores e Estudantes Brasileiros em Coimbra (Gestão 2004-2005).  
Página pessoal: <http://geocities.yahoo.com.br/allenelage>